

DIRETORA: ANA CRISTINA DE
 EDITOR: ADOLFO FIALHO
 EQUIPA EDITORIAL: ANA DIOGO,
 LEONOR SAMPAIO DA SILVA,
 MAGDA CARVALHO,
 MARIA DA LUZ CORREIA,
 SUZANA CALDEIRA

SETEMBRO DE 2020 • Nº 33

AGORA

JORNAL
 DA FACULDADE
 DE CIÊNCIAS SOCIAIS
 E HUMANAS
 DA UNIVERSIDADE
 DOS AÇORES

Página Facebook: https://www.facebook.com/Agora-1851778665043178/?ref=aymt_homepage_panel | Email: agora.fcsh@gmail.com

Nota de abertura Um regresso seguro...

Para trás ficaram as férias e o final de ano letivo mais atípico de sempre. No regresso à "nossa casa", passados 5 meses, feitos de renovadas rotinas e expectativas em dias mais tranquilos, o *AGORA* foi conhecer as iniciativas da Universidade dos Açores (UAc) e da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), no arranque deste novo ano em que a segurança é uma das palavras de ordem. Em *Agora* a Vice-Reitora para a área académica explica como funcionarão as inscrições e matrículas dos novos estudantes, *Agora é hora* convida-nos a uma entrada em segurança no novo ano e em *Conversa Escrita* a presidência da FCSH fala-nos das orientações a seguir pelos seus cursos no contexto do ensino em regime presencial. E porque a UAc se faz de pessoas e com as pessoas, em *Agora deu-me para isso*, Leonor Massa, funcionária da FCSH, convida-nos a uma viagem pelo mundo dos selos e, em *Alumni*, Gabriela Silva, nossa antiga aluna, fala-nos de sonhos e de perguntas de esperança, feitos da vontade partilhada de mudar o mundo para melhor.

ADOLFO FIALHO
 (DOCENTE DA FCSH)

Ágora

Arqueologia e datação

A Arqueologia desenvolve-se fundamentalmente em torno de duas dimensões essenciais: o tempo e o espaço. Não obstante a relativamente óbvia associação à dimensão espacial, para o senso comum é a associação à dimensão temporal aquela que se destaca. Para chegar aos indicadores cronológicos, os arqueólogos têm ao seu dispor um variado leque de métodos de datação que, grosso modo, pode ser dividido em dois grandes grupos: os métodos de datação relativa e os métodos de datação absoluta.

A datação relativa corresponde ao ato de determinar se um elemento é mais antigo ou mais recente do que outro. Em Arqueologia, essa ação concretiza-se, em boa parte, na identificação da estratigrafia arqueológica do sítio, através da escavação, obedecendo ao princípio base de que os estratos superiores são mais recentes do que os estratos inferiores. Assim, é possível determinar se um contexto arqueológico é mais antigo ou mais recente do que outro, conforme a posição que ocupa na sequência estratigráfica identificada. A esse método geralmente associam-se as sequências tipológicas de artefactos, que nos dão indicadores cronológicos a partir dos exemplares identificados nos contextos. Para os períodos históricos, os dados arqueológicos são usualmente cruzados com a documentação, permitindo a consoli-



Sequência estratigráfica identificada no claustro do Convento da Esperança, Ponta Delgada

idação das noções cronológicas implícitas.

Por sua vez, a datação absoluta corresponde à determinação de balizas cronológicas concretas,

através da datação de elementos concretos, utilizando métodos de natureza variada, entre os quais assumem especial protagonismo os métodos de datação radiométrica como o radiocarbono. A datação por radiocarbono permite-nos determinar o intervalo cronológico correspon-

dente ao momento em que um ser vivo morreu. É um método frequentemente utilizado em Arqueologia, aplicado sempre em matéria orgânica devidamente recolhida em contextos arqueológicos estratigraficamente fiáveis. Apesar de um contributo inegável, os métodos de datação absoluta levantam alguns problemas. Infelizmente, é comum as datações absolutas serem assumidas acriticamente, induzindo a graves erros de interpretação dos contextos arqueológicos, com repercussões na produção científica.

No caso dos Açores, os sítios arqueológicos conhecidos, devidamente escavados e estudados por profissionais academicamente creditados, não vão além do século XV. Assim, a aplicabilidade da datação absoluta é praticamente nula. Os intervalos cronológicos que se obteriam, na ordem das muitas dezenas ou mesmo centenas de anos, ignorariam importantes factos que condicionaram a evolução histórica das ilhas, marcando a sua cultura material. Por isso, os arqueólogos a exercerem atividade na região aplicam sobretudo, e bem, os métodos estratigráfico e tipológico, cruzando sempre os dados arqueológicos com a documentação histórica conhecida, numa frutífera simbiose entre as ciências históricas.

JOÃO GONÇALVES ARAÚJO
 ARQUEÓLOGO - CHAM - CENTRO
 DE HUMANIDADES, FCSH/NOVA - UAC



ANDRÉ MENDONÇA

Ágora

Matrículas e inscrições dos novos estudantes na UAc apenas online

Considerando a situação de pandemia que se vive atualmente, no ano letivo que agora se inicia as matrículas e inscrições dos novos estudantes que forem colocados na Universidade dos Açores, planeadas para ocorrer na semana de 28 de setembro a 2 de outubro, realizar-se-ão unicamente à distância através da plataforma Inforestudiante.uac.pt. A UAc disponibilizará diversas Salas de Apoio Virtuais nas quais esclarecerá todas as dúvidas que os estudantes possam ter de acordo com o calendário disponibilizado no Portal da UAc. Para além das salas de

apoio às matrículas, haverá ainda Salas Virtuais especificamente destinadas a fornecer informações acerca das residências e das bolsas de apoio social. Não obstante as matrículas serem *online*, o ensino está a ser planeado para decorrer de forma presencial, observando-se as regras de segurança emanadas pelas autoridades de saúde e as constantes do plano de continência da Instituição.

ANA TERESA ALVES
 (VICE-REITORA DA UAC)

As matrículas dos novos estudantes decorrem ao longo da próxima semana

Agora deu-me para isso

O encanto dos Selos

Leonor Massa, secretária da FCSH, ingressou na UAc, em fevereiro de 1996, no antigo Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais.

Recebi os meus primeiros selos na escola primária. Foi lá um senhor do clube de filatelia falar de colecionar selos e, no fim, ofereceu envelopes por cada um dos alunos, para dali iniciarmos as nossas próprias coleções. Mais tarde, trabalhando no DHFCS e tendo como uma das muitas funções no secretariado distribuir a correspondência que chegava diariamente, fui reparando nos bonitos selos que chegavam nos envelopes, provindos de inúmeros países. Naquela altura as cartas eram o meio de comunicação mais fre-

quente, hoje em dia são mais raras, mas felizmente ainda não extintas. Considero a minha coleção de selos muito "amadora" uma vez que a maior parte deles foram resultados das gentis doações dos docentes daquele Departamento, aos quais aproveito a oportunidade para publicamente agradecer a amabilidade de ainda se lembrarem de mim quando recebem cartas ou encomendas. Também agradeço a gentil oferta de alguns livros, um dos quais do próprio autor, verdadeiras relíquias, que em muito vieram enriquecer a minha coleção. Tenho selos de um total de 60 países, mas não poderia deixar de destacar os únicos selos que, efetivamente, comprei. Relatam a vida da Princesa Diana, uma personalidade impar que muito admirava, desde o seu nascimento até ao seu prematuro desaparecimento.



Colecionar selos é uma forma de "conhecer um pouco mais do mundo onde vivemos", partilha Leonor Massa.

Porque desenvolvi o gosto pelos selos, tão pequenos e feitos de simples papel? Considero que é uma excelente forma de conhecer países, costumes, localidades, monumentos, animais, personalidades nacionais e internacionais, curiosidades e

tradições. É uma forma de, mesmo sem viajar, conhecer um pouco mais do mundo onde vivemos, do seu passado e do seu presente. Fico encantada com a arte de, num pedacinho tão simples de papel, se refletir tanta beleza e informação.

Cada selo conta um facto, uma história, mostra uma realidade... Alguns deles têm a particularidade única de percorrer o mundo.

LEONOR MASSA
(FUNCIONÁRIA DA FCSH)

Mestrados na FCSH: uma oferta apelativa!

Com a abertura do novo ano letivo, e mesmo em tempos de pandemia, a FCSH prepara-se para iniciar as atividades dos seus cursos de Mestrado. Este ano são 6 os cursos de 2.º ciclo que irão funcionar: Educação e Formação, Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, Filosofia para Crianças, Políticas Sociais e Dinâmicas Regionais, Relações Internacionais - O Espaço Euro-Atlântico, Tradução e Assessoria Linguística. Trata-se de cursos já com longa tradição na FCSH e que refletem algumas das áreas de especialidade dos seus docentes. Ao ingressar

num curso de 2.º ciclo, os alunos têm acesso a dinâmicas de formação e investigação avançada num dado domínio científico e prepararam-se para empreenderem um percurso letivo que culminará, no 2.º ano, na apresentação de um trabalho final (Dissertação, Relatório de Estágio ou Trabalho de Projeto) que visa contribuir para a construção de conhecimento na área. Estes cursos funcionarão com uma forte componente digital, de modo a permitir que os alunos possam aceder remotamente às atividades letivas.

MAGDA CARVALHO
(DOCENTE DA FCSH)

ANDRÉ MENDONÇA



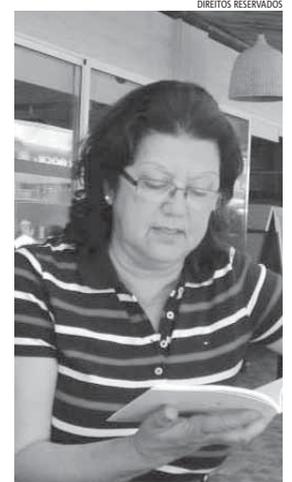
FCSH avança com a oferta de 6 cursos de Mestrado

Alumni

Algum dia deixamos de sonhar?

Tenho 67 anos e em julho deste ano defendi a minha tese de Mestrado em Filosofia para Crianças. Foi a experiência da minha vida. Mergulhei nesta aventura já reformada como professora do ensino básico. Tinha começado a trabalhar antes do 25 de abril. Quando me franquearam as portas da liberdade de pensamento percebi que a ilha ficara com a chave dessa porta. Foi aí que percebi que tinha dentro de mim o código secreto para passar o meu "cabo das tormentas". O pensamento não tem limites. E foi assim que encontrei refúgio na leitura e na busca incessante de conhecimento. No dia em que percebi que havia um mestrado em filosofia para crianças não hesitei. E foi a aventura maior da minha vida mas foi também um momento único de enriquecimento: pelo conhecimento adquirido, pelos professores pelas colegas, pelas

crianças, pelos momentos únicos de fraternidade que vivemos juntos, pela eterna sede de questionamento que nos fica na alma e pela liberdade interior que toma conta de nós quando percebemos que nada é eterno nem definitivo. A Filosofia para Crianças desarma-nos, faz-nos voltar atrás, faz-nos sentir que nunca soubemos tão pouco de tudo, mas também nos dá a certeza de infinitas possibilidades de descoberta. Sou hoje o resultado dessa magia e, se é verdade que já não aplico o conhecimento que adquiri em comunidades de investigação filosófica, não é menos verdade que todos os dias exerço em mim e nos meus amigos o direito à expansão do pensamento que me ficou como um bom vício deste Mestrado que recomendo vivamente. Nos passos perdidos da Universidade dos Açores, há pegadas de gente muito interessante



Gabriela Silva é mestre em Filosofia para Crianças pela UAc

que marcou a diferença na vida de todos nós. Mas há sobretudo a ternura incontida que trocamos tantas vezes entre perguntas de medo e perguntas de esperança, mas sempre, sempre, de uma imensa vontade de mudar o mundo para melhor.

GABRIELA SILVA
(ANTIGA ALUNA DA FCSH)

Agora... a Presidência da FCSH

“O ensino presencial é claramente aquele que preferimos”

Com um edifício autónomo, normas de funcionamento que restringem o acesso e circulação de pessoas nos espaços e medidas de segurança que incluem máscaras, avaliação da temperatura e regras de higienização, a FCSH, à semelhança das restantes faculdades da UAc, prepara-se para um ano letivo em regime presencial, no atual quadro da pandemia do novo coronavírus COVID-19.

Ana Cristina Correia Gil e Suzana Nunes Caldeira, Presidente e Vice-Presidente da FCSH, contam ao *Agora* quais os principais desafios de um momento em que a comunidade académica deve aumentar a distância física sem reduzir a proximidade social.

A preparação deste ano letivo está a ser particularmente complexa. Por exemplo, houve uma reorganização dos edifícios da UAc...

A preparação de um novo letivo é sempre uma tarefa trabalhosa e, como é evidente, esta torna-se mais complexa para podermos corresponder às medidas de segurança e saúde das autoridades regionais e nacionais, que estão refletidas no Plano de Contingência da UAc. A afetação dos edifícios às faculdades permitirá, desde logo, uma maior partilha de responsabilidades, pois cada faculdade ficará responsável pela gestão dos seus espaços e, consequentemente, por zelar para que neles sejam cumpridas as regras de higiene e segurança sanitária que previnem eventuais contágios. No caso da FCSH, ficar-lhe-ão afetos os dois primeiros blocos do edifício das Ciências Sociais e Humanas.



“Apesar do distanciamento físico, mantivemo-nos unidos, em estreita colaboração”, assume a presidência da FCSH.

Que medidas de proteção e procedimentos de segurança foram implementadas?

As medidas implementadas são comuns a todo o país: uso obrigatório de máscara, avaliação da temperatura, regras de higienização individuais e dos espaços, evitar ao máximo a circulação pelos edifícios, restringir o n.º de pessoas por sala consoante a capacidade de cada espaço... O mais importante será certamente que cada membro da comunidade académica tenha sentido de responsabilidade no cumprimento das regras e a plena consciência de que a segurança de todos depende do comportamento responsável de cada um de nós.

A preparação das aulas tem seguido orientações adaptadas ao contexto pandémico atual...

O que estamos a preparar tem como princípio-base evitar ao máximo a circulação desnecessária, para mitigar possíveis situações de contágio. As aulas serão na generalidade presenciais, exceto nos casos em que tal situação é completamente impossível. Cada turma terá uma sala

atribuída, na qual decorrerão sempre as suas atividades letivas. Esta foi uma dificuldade considerável, pois a FCSH tem 8 cursos de licenciatura. E há ainda os cursos de mestrado, mas estes funcionam em horário desfasado das licenciaturas, portanto não levantam tantas dificuldades. Mas a questão fundamental será sensibilizar todos os estudantes de que é fundamental cumprirem as regras de higiene e saúde, de modo a que consigamos manter a comunidade académica em segurança e livre de contágio.

Neste contexto pandémico, a UAc mantém as deslocações ao abrigo de programas de mobilidade *ingoing* e *outgoing* de estudantes, docentes e funcionários?

O Programa ERASMUS+ não foi interrompido pela Agência Europeia, por isso mantém-se a oportunidade de os estudantes terem experiências de aprendizagem noutras universidades e países. Usar esta oportunidade é uma decisão individual. A minimização de riscos passa, mais uma vez,

pela responsabilidade de cada um relativamente ao cumprimento das regras de higiene e saúde. No que respeita à UAc e aos estudantes *incoming* há ainda um acompanhamento muito próximo, a fim de assegurar que o acesso às instalações da UAc só se realiza quando estão cumpridas as orientações para viajantes emanadas pela autoridade regional de saúde, ou outras determinadas pelo Centro de Resposta a Emergências (CRE) da UAc. Este é, de resto, um procedimento que se aplica a todos os estudantes que ingressam pela primeira vez na UAc, provenientes de países, regiões ou ilhas do arquipélago com casos positivos de COVID-19, e se aplica também a todos os outros membros da comunidade académica sempre que viagem para fora da Região, tal como descrito no Plano de Contingência da UAc.

A FCSH dedica-se a pensar o humano e o social... No que a isto diz respeito, qual vos parece ser o grande desafio das instituições de Ensino Superior no atual contexto pandémico?

Um dos grandes desafios que estará já ganho foi o de conseguirmos prosseguir a atividade letiva de forma regular após o confinamento posterior a 13 de março. Houve um grande esforço da parte de docentes, estudantes e funcionários para a adaptação a atividades letivas e não letivas à distância, esforço esse que teve um retorno muito positivo da parte de todos. Apesar do distanciamento físico, mantivemo-nos unidos, em estreita colaboração, e num espírito de entajuda que até reforçou a nossa união enquanto comunidade académica. O objetivo é agora manter esse espírito e prosseguir as nossas atividades, quer presencialmente quer à distância. Se chegarmos a uma situação de novo confinamento, já estamos mais bem preparados para a enfrentar. Mas o nosso desejo é que possamos prosseguir até ao final do ano letivo no ensino presencial, que é claramente aquele que preferimos.

MARIA DA LUZ CORREIA
(DOCENTE DA FCSH)

ANDRÉ MENDONÇA

Agora é moda

A gravata enrolada

ILUSTRAÇÃO DE CARLA MEDEIROS (ANTIGA ALUNA DO MESTRADO EM PRÉ-PRÍ DA FCSH)



Eis-nos chegados ao mais elevado patamar de uma comunidade evoluída

Quem só sabe falar mal do país devia calar-se. Portugal está na vanguarda do que realmente importa em termos de gosto e de políticas ambientais. Um exemplo é a recente invenção patenteada por um jovem português emigrante na Suíça, a Gravata Bigoudi, cuja designação é inspirada no acessório que permite enrolar o cabelo. Feita à mão, com materiais de origem natural, o toque original de cada peça consiste no facto de ela se assemelhar ao brinquedo língua de sogra. Um outro detalhe que a caracteriza relaciona-se com a exigência de um alfinete com pérola que mantém o tecido enrolado, o que não constituindo propriamente um fator de originalidade, representa um sinal de eficácia em comparação com a língua de sogra, mais propensa a desenrolar-se sobretudo quando lhe nascem netos ou lhe criticam a educação dos filhos. É certo que esta moda cria um de-

safio estético para quem se habituou a ver gravatas ondulando ao vento, atiradas sobre o ombro e com nó lasso como símbolo de uma masculinidade cinematográfica que caminha por ruas escuras e ventosas, debaixo de chuva e de cigarro aceso, com charme *casual & cool*. Para estas pessoas fúteis, aponto os grandes benefícios sociais da Gravata Bigoudi. Ela não só nos poupa à visão de manchas de gordura e de vinho tinto como representa o mais elevado patamar de uma comunidade evoluída. Passo a explicar: enrolada sobre si própria e atravessada por um alfinete de pérola, ela é o retrato da língua em estado mais valioso, travada e fechada - a língua-ostra, que se defende dos parasitas cerrando portas e evocando o fascínio dos oceanos. É assim que o bom gosto se alia à ecologia. Os pessimistas dir-me-ão que nada garante que os homens que se rendem à moda da Gravata Bi-

goudi tenham uma língua-ostra. Receio até que me indiquem casos reais de homens aparentemente Bigoudi mas, na verdade, Entrada-de-Metro, isto é, dados a estar permanentemente de boca aberta, recebendo invasores e permitindo que eles se reproduzam sem higiene ou consciência ecológica. A isto respondo com a oportuna obrigatoriedade de uso da máscara. Enquanto a humanidade não aprende com o exemplo da ostra, a gravata enrolada com alfinete de pérola é mais do que um acessório de moda; é uma lição de vida e um treino para quando voltarmos à liberdade pré-pandemia nos deleitarmos com segurança a ver gravatas soltas ao vento e línguas recolhidas na santidade bucal. E é assim que Portugal volta a estar à proa de novas viagens - de encobrimento, desta feita, pois os tempos não estão para frescuras.

 LEONOR SAMPAIO DA SILVA
 (DOCENTE DA FCSH)

Agora é hora

...de reforçar medidas de segurança!

Com o final do tempo de férias, e depois da longa ausência dos meses de confinamento social, reabriram recentemente os estabelecimentos escolares da Região Autónoma dos Açores. Famílias, pais, mães, encarregados de educação encheram-se de coragem e prepararam as suas crianças e jovens para o tão desejado regresso aos espaços escolares. Espaços físicos que já não eram habitados há muitos meses. Salas de aula, refeitórios, portões que se esvaziaram em março e que aguardaram pacientemente os seus frequentadores. A ansiedade era muita e a vontade de rever amigos, colegas, professores, auxiliares, deu lugar aos reencontros fora das telas das plataformas virtuais. As nossas crianças e jovens puderam voltar a encher de alegria, de muitos tons e cores os corredores e pátios das suas escolas. Entre as novas dinâmicas necessárias para a gestão dos espaços fechados, máscaras e desinfetantes de mãos, todos têm procurado fazer o seu melhor para que seja possível voltar à chamada presencialidade. O mais difícil talvez tenha sido refrear os contactos físicos, aquietar os desejos dos abraços efusivos que sempre caracterizam longos períodos de ausência. Há quem diga que não se trata de um regresso, mas de um começo. Sa-

bemos não voltaremos do mesmo modo com que saímos, mas estamos a começar a trilhar novas formas de estar nas instituições de ensino. A UAc também se tem vindo a preparar para receber os seus alunos no próximo dia 28, reorganizando os diferentes espaços de acordo com as regras de segurança exigidas e preparando um vídeo integrado num detalhado guia de acolhimento, que será distribuído a todos, como complemento do seu Plano de Contingência. Não sabemos o que o futuro próximo e longínquo nos reserva. O que sabemos é que agora, mais do que nunca, é necessário não vacilar nas medidas de segurança. Com serenidade e informação, é importante que todos estejamos cientes dos perigos que corremos quando nos expomos. E, nesse pressuposto, torna-se fundamental não esquecer que só em conjunto conseguiremos continuar a enfrentar esta adversidade. Estamos certos de que um dia estaremos a escrever um *Agora* para nos regozijarmos com o fim deste difícil período das nossas vidas. Até lá, é hora de reforçar as medidas de segurança.

 MAGDA CARVALHO
 (DOCENTE DA FCSH)

ANDRÉ MENDONÇA



Agora Veja

Cristo

Foto de Pedro Ferreira

Esta rubrica tem a colaboração da Associação de Fotógrafos Amadores dos Açores (AFAA).



A UAc e a FCSH preparam-se para receber os seus estudantes